

RESUMOS DE PESQUISAS ESTRANGEIRAS

A Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo propõe-se a divulgar os resultados de pesquisas, elaboradas no exterior, sobre problemas relevantes no campo da educação. A finalidade desses resumos analíticos é não só a de informar como também a de familiarizar nossos educadores com os problemas que preocupam os pesquisadores estrangeiros e com as técnicas empregadas na tentativa de resolvê-lo. Neste número, a escolha e a sùmula das pesquisas, extraídas de periódicos especializados, ficou sob a responsabilidade de Renato A. T. Di Dio.

AVALIAÇÕES PELOS ALUNOS COMO CRITÉRIOS DE ENSINO EFICIENTE

Kenneth O. Doyle
Susan E. Whitely

Há muitos anos vem sendo tentada a avaliação da eficiência do professor por intermédio da opinião dos alunos. Como o presente estudo envolvia a comparação entre diferentes professores em termos de eficiência de ensino, medida tanto pelo desempenho da classe quanto pela avaliação dos alunos, foi escolhido um grupo de 12 professores que davam aulas introdutórias de língua francesa a 174 alunos.

Foi aplicado aos alunos o "Student Opinion Survey" (SOS), que contém 49 itens sobre características específicas do professor. Acrescentou-se-lhe uma escala de avaliação de 7 intervalos, que ia de "gosto muitíssimo do professor" a "detesto muitíssimo o professor". Os sujeitos foram submetidos a um exame final em Francês consistente em: ditado, formas verbais, formas de sentenças, plurais e compreensão de texto.

Os dados foram analisados comparando as médias dos itens de cada classe (*section*) e comparando as médias de cada item no grupo total (*across sections*).

Uma análise fatorial aplicada aos 49 itens do instrumento detectou cinco fatores: (1) atitudes em relação aos alunos, (2) capacidade de exposição, (3) motivação de interesse, (4) estímulo a pensar, (5) generalização de conteúdo.

Os resultados indicaram que a avaliação pelos alunos coincide com um dos principais critérios de eficiência de ensino, isto é, com rendimento escolar. Contudo, avaliações de atitudes em relação aos estudantes, estímulo a pensar e generalização do conteúdo do curso não se correlacionam com o aprendizado medido pelo exame final. (*American Educational Research Journal*, Verão de 1974, vol. 11, n.º 3).

EXPECTATIVAS DO PROFESSOR E DESEMPENHO DO ALUNO

Glen E. Mendels
James P. Flanders

Este estudo foi realizado em face do malogro da maioria das tentativas de replicar a demonstração de Rosenthal e Jacobson (1968) dos efeitos positivos da expectativa do professor. Dentro de cada uma de dez classes do 1.º ano primário para alunos educacionalmente carentes, metade dos alunos (120 crianças — 73 meninos e 47 meninas) foram pré-testados com o "Cognitive Abilities Test" (CAT) e foram em seguida atribuídos aleatoriamente a um grupo experimental e a um grupo de controle.

O esquema da pesquisa foi um experimento fatorial 2 x 10. Os dois níveis do primeiro fator foram "expectativa" (grupo experimental) versus "ausência de expectativa" (grupo de controle). Os dez níveis do segundo fator corresponderam às dez diferentes classes do 1.º ano.

Três semanas após o pré-teste, os professores receberam relatórios informando que os alunos do grupo experimental tinham ocultado seu potencial e poderiam mostrar progressos durante o ano letivo.

Os sujeitos foram submetidos novamente ao CAT seis meses mais tarde

Embora o grupo experimental tendesse a apresentar maiores ganhos em escores (aferidos por Q.I. e escores brutos) no CAT (p. <0,10), não se apuraram diferenças significativas entre os dois grupos nas seguintes medidas: grau de leitura, aritmética, habilidades sociais e nível de leitura. Como os resultados não confirmaram os de Rosenthal e Jacobson, recomendou-se que as futuras explorações das expectativas do professor (a) relacionem expectativas à manifesta interação entre alunos e professor e (b) investiguem expectativas decorrentes de fatos naturais dignos de maior credibilidade, tais como informação de outros professores, dos pais e dos diretores e dados constantes de fichas escolares. (*American Educational Research Journal*, Verão de 1973, vol. 10, n.º 3).

STATUS SOCIOMÉTRICO E AUTOCONCEITO EM ALUNOS DO 6.º ANO

Carol J. Guardo

Foi reexaminada a relação entre status sociométrico e autoconceito com base em dados de alunos do sexto ano primário.

As hipóteses de pesquisa foram: (1) existe uma relação linear positiva entre escores de autoconceito e escolha pelos colegas como "o mais popular"; (2) existe uma relação linear negativa entre autoconceito e escolha como "o menos popular"; (3) existe uma relação linear positiva entre autoconceito e escolha como "o de quem mais gosto" e (4) existe uma relação linear negativa entre autoconceito e escolha como "o de quem menos gosto".

Os 114 sujeitos (56 meninas e 58 meninos) procederam de quatro classes de sexto ano primário de uma escola pública suburbana. Apurou-se que as classes não diferiam em médias de autoconceito, idade, inteligência ou nível sócio-econômico. Quase todos os sujeitos pertenciam a famílias da classe média ou da classe trabalhadora.

Foi usado um teste sociométrico do tipo de escolha pelos colegas. Um instrumento construído por Piers e Harris foi usado para medir autoconceito. Essa escala possui uma consistência interna de 0,89 e de 0,90, respectivamente, para meninos e meninas do sexto ano. A precisão pela técnica teste-reteste resultou, a um mês de distância, 0,71. A média de autoconceito para os 114 sujeitos neste estudo foi 58,4.

As quatro hipóteses não foram rejeitadas, ao nível de 0,05. A relação mais forte ocorreu entre autoconceito e status sociométrico negativo (para ambos os sexos). Essa relação contrasta com as correlações entre autoconceito e status sociométrico positivo, que foram significativas para meninas e para todos os sujeitos agrupados, mas não para meninos. A mesma diferença entre sexos ocorre na correlação positiva entre status sociométrico e “de quem gosto mais” e na correlação negativa entre status sociométrico e “de quem gosto menos”. Em ambas as instâncias, as correlações mostraram-se significativas apenas para meninas e para todos os sujeitos agrupados. (*The Journal of Educational Research*, vol. 62, Março 1969, n.º 7).

MUDANÇAS EM MÉDIAS DE NÍVEIS DE PENSAMENTO DO 1.º ao 8.º ANO PRIMÁRIO ATRAVÉS DO USO DO SISTEMA DE ANÁLISE DE INTEGRAÇÃO BASEADO NA TAXONOMIA DE BLOOM

Irwin A. Willson

O estudo teve por fim avaliar a relação entre níveis de pensamento usados pelo professor e pelos alunos com o objetivo de apurar se o nível de pensamento do professor é elevado significativamente com a correspondente elevação dos níveis dos alunos, depois que os professores tenham adquirido consciência de seus hábitos de verbalização através de um sistema de análise de interação.

Foi criado um sistema de registro de observações, baseado na hierarquia apresentada por Bloom. Inicialmente, foram observadas e registradas verbalizações do professor e dos alunos durante aulas de discussões. Duas semanas após a primeira observação, doze professores do grupo experimental receberam treino de duas horas na técnica de análise de interação e foram solicitados a proceder a um estudo de análise de interação de suas próprias aulas de discussão. Testes *t* de Student foram usados para medir a significância das diferenças entre conjuntos de escores médios. Os níveis médios de verbalização de professores e alunos foram usados para efetuar as comparações.

Os resultados mostraram que a mudança nos níveis médios de pensamento dos professores e alunos do grupo experimental foi significativamente mais alta do que a do grupo de controle (treze professores e respectivas classes). Os resultados mostraram também que existe uma relação direta entre a média dos níveis de pensamento dos

professores em ambos os grupos e a média dos níveis de pensamento dos respectivos alunos. (The Journal of Educational Research, vol. 66, n.º 9, Maio-Junho 1973).

INFLUÊNCIA DO ESTUDANTE NO COMPORTAMENTO DO PROFESSOR

Susan S. Klein

Estudos correlacionais de sala de aula e pesquisas psicológicas experimentais sugerem que os alunos influenciam o comportamento do professor e, além disso, que a direção da influência pode ser predita. Este experimento objetivou submeter a prova as seguintes hipóteses: 1. O comportamento do professor muda em função de mudanças no comportamento do aluno; 2. O comportamento do professor é mais positivo (indireto) durante períodos de comportamento positivo do aluno do que durante períodos de comportamento negativo do aluno; 3. O comportamento do professor é mais positivo (indireto) durante períodos de comportamento positivo do aluno do que durante períodos de comportamento natural do aluno; 4. O comportamento do professor é mais positivo (indireto) durante períodos de comportamento natural do aluno do que durante períodos de comportamento negativo do aluno.

Professores convidados, em 24 classes de Faculdades de Educação de 6 universidades constituíram os sujeitos enquanto que os alunos desempenharam o papel de experimentadores. As disciplinas variaram de "educação primária" a "fundamentos sociais da educação" e "estatística educacional".

Cada experimento foi previsto para durar uma hora, subdividido em quatro períodos de 15 minutos, correspondentes a comportamento (1) normal, (2) negativo, (3) normal, (4) positivo. Antes do experimento, os alunos receberam instruções operacionais quanto aos tipos de comportamento.

Foi empregada uma análise de variância de um Quadrado Latino para analisar as variáveis verbais e não verbais.

As hipóteses 1, 2 e 4 não foram rejeitadas. Foi rejeitada a hipótese 3, do que se infere que o comportamento dos alunos nos períodos de controle foi mais semelhante ao comportamento positivo do que ao negativo.

A conclusão geral é a de que o comportamento positivo dos alunos influencia o professor no sentido de comportar-se positivamente. (American Educational Research Journal, vol. VIII, n.º 3, 1971).

AMOSTRAS INTENCIONAIS DE ESCOLAS PÚBLICAS E VIÉS ESTATÍSTICO

John L. Brickell

Foram investigadas a magnitude e a direção de viés estatístico de amostras não aleatórias de tipos específicos. Foram geradas amostras de populações escolares distritais através de uma técnica de amostragem de múltiplos estágios, com uma modificação que substituiu a seleção aleatória pela escolha intencional de unidades amostrais em cada estágio. Dentro desses estágios, pediu-se a superintendentes que apontassem amostras de escolas "representativas", a diretores que apontassem amostras de classes "representativas" e a professores que apontassem amostras de estudantes "representativos". Estatísticas das amostras apontadas foram comparadas com as respectivas distribuições amostrais teóricas, determinadas pelos parâmetros populacionais apropriados, sob o pressuposto de seleção aleatória. Na medida em que a amostragem procedia de amostras de escolas a amostras de classes e a amostras de estudantes, as respectivas estatísticas amostrais, *cada vez mais*, se afastavam da expectativa, mostrando graus crescentes de viés estatístico. (American Educational Research Journal, Outono de 1974, vol. II, número 4).